

DO IMPÉRIO À DERROTA: A tragédia de Xerxes em *Os persas*

*Eduardo Pereira Machado*¹

RESUMO: A tragédia *Os Persas*, de Ésquilo, representa um marco no teatro grego por abordar eventos históricos em vez de mitos, oferecendo reflexão ética e política sobre o poder. A peça narra a invasão persa à Grécia, centrando-se na figura de Xerxes e nas consequências de sua *hybris* — a transgressão dos limites humanos e divinos. O texto examina a construção dramática da obra, destacando a função do coro, que introduz o contexto e as

¹ Mestre em Letras. Especialista em Estudos Clássicos. Professor nos cursos de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e da Universidade La Salle (Unilasalle).

expectativas do público, e do mensageiro, que relata o desastre militar, criando tensão progressiva. A análise poética evidencia o uso de epítetos, metáforas e imagens que simbolizam a grandiosidade do império e, simultaneamente, anunciam sua fragilidade. A *hybris* de Xerxes é apresentada como fator decisivo não apenas para sua queda individual, mas para a desestabilização coletiva do império persa, demonstrando a tensão entre ambição pessoal e responsabilidade social. O estudo reforça a distinção entre narrativa histórica e dramatização poética, conforme Aristóteles, ressaltando a capacidade da tragédia de explorar o universal a partir do particular. Conclui-se que *Os Persas* transcende o relato de uma derrota militar, oferecendo lições sobre limites do poder, liderança e consequências éticas, revelando como o erro de um governante pode repercutir em toda uma sociedade e permanecer como reflexão atemporal sobre a vulnerabilidade humana diante da ambição e do excesso.

Palavras-chave: tragédia grega; *hybris*; poder; Ésquilo

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A tragédia *Os Persas*, de Ésquilo (2013)², ocupa um lugar singular no contexto do teatro grego, sendo a mais antiga obra

² Todas as citações serão retiradas dessa edição. Daqui por diante, identificaremos as passagens transcritas apenas com o título da obra e a página, no próprio corpus do trabalho.

trágica que chegou até nós em sua totalidade. Representada pela primeira vez em 472 a.C., a peça destaca-se por tratar de um evento histórico, em vez de se basear nos mitos tradicionais. Essa abordagem oferece uma rica perspectiva sobre a interação entre história, ética e política no universo grego.

A escolha de Ésquilo para tematizar os conflitos entre gregos e persas revela mais do que uma simples memória da vitória ateniense: ela constitui uma análise profunda das implicações da *hybris* e de suas consequências trágicas. Xerxes, como figura central, encarna a transgressão dos limites que regem a ordem humana e divina, traçando um paralelo entre suas decisões políticas e a desestabilização de sua nação. Dessa forma, a tragédia transcende o plano individual, refletindo sobre as tensões entre liderança, tradição e poder que permeiam os regimes autocráticos.

Ao longo desta análise, propõe-se examinar como Ésquilo constrói o drama em torno da derrota persa, explorando elementos poéticos e históricos que conferem profundidade à narrativa. Será destacada a relação entre o contexto político-cultural da época e os conceitos de tragédia e ética, bem como a maneira pela qual a peça convida o público a refletir sobre os limites do poder e as lições universais advindas do confronto com a desmedida.

TRAGÉDIA, PODER E HYBRIS

A tragédia *Os Persas*, de Ésquilo, representada pela primeira vez em 472 a.C., é a mais antiga obra trágica grega que conservamos. O enredo centra-se em uma campanha fracassada contra a Grécia, resultante da política expansionista que caracterizava o Império Persa. Como é típico de regimes monocráticos, as decisões políticas no império eram centralizadas na figura do rei, ainda que outras opiniões pudesse ser consultadas. No contexto da peça, a invasão à Grécia foi ordenada por Xerxes, evidenciando o papel decisivo do monarca na condução do destino de seu povo.

Dentro desse contexto, é relevante destacar a trajetória do autor: Ésquilo teve participação ativa nas batalhas de Maratona (490 a.C.) e Salamina (480 a.C.), ambas travadas contra as forças invasoras que ameaçavam sua pátria. Esse fato merece atenção, uma vez que as ações representadas na tragédia são relatadas por um poeta e não por um historiador. Nessa perspectiva, aludimos às palavras de Aristóteles (2002), na *Poética*, em que ele estabelece a diferenciação entre essas duas categorias.

... que a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade.

Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta. (...) a diferença está em que um narra acontecimentos e

o outro, fatos quais podiam acontecer.
(ARISTÓTELES, 2002, p. 28)

Portanto, ao analisar *Os Persas*, é essencial lembrar que se trata de uma tragédia concebida por um poeta, e não de um relato histórico elaborado por um historiador. A obra não busca apenas narrar eventos passados, mas sim explorar, por meio de uma construção poética, os aspectos universais e emocionais que transcendem os fatos, enfatizando as possibilidades da verossimilhança e da necessidade, como destacado por Aristóteles.

Com essa questão esclarecida, passamos à análise do drama de Ésquilo. A peça grega tem início com a fala do coro, composto pelos chamados Fiéis. A eles é confiada a responsabilidade de cuidar do palácio, enquanto o rei Xerxes se ausenta para liderar sua grandiosa campanha militar.

Coro

Eis-nos, os únicos remanescentes
dos persas, hoje na Hélade, Fiéis
nos chamam, guardiões do paço pluridi-
dourado. O basileu, o magno, Xerxes,
estirpe de Dario,
nos incumbiu de vigiar aqui,
em reconhecimento às nossas cãs.
À espera de que torne o rei dos reis
à frente do tropel pluridourado

Podemos perceber que a tragédia começa com a afirmação "Eis-nos, os únicos remanescentes dos persas, hoje na Hélade", em que os falantes se apresentam como os últimos sobreviventes ou descendentes do grande Império Persa. A palavra "remanescentes" sugere que esse grupo carrega o legado de uma civilização antiga, enquanto a menção à "Hélade" – o nome antigo da Grécia – indica que esses remanescentes agora estão na terra dos gregos.

Na sequência, destaca-se a expressão: "*Fiéis nos chamam, guardiões do paço pluridourado*". O termo "fiéis" não apenas denota lealdade, mas também posiciona esse grupo como devotado aos princípios do império e à figura do monarca. A descrição como "guardiões do paço pluridourado" reforça seu papel de protetores e evidencia o esplendor do palácio, cuja riqueza e opulência são sublinhadas pela escolha do termo "pluridourado". Essa imagem projeta a grandiosidade do poder imperial persa e a importância simbólica do espaço físico na consolidação dessa autoridade.

A passagem seguinte, "*O basileu, o magno, Xerxes, estirpe de Dario, nos incumbiu de vigiar aqui, em reconhecimento às nossas cãs*", traz à tona a figura de Xerxes como um monarca de grandeza incontestável, destacada pelos epítetos "basileu" (rei) e "magno" (grande). Além de exaltar sua soberania, o texto insere Xerxes em uma linhagem poderosa, a "estirpe de Dario", conectando-o a um dos mais notáveis

imperadores persas, Dario I. A atribuição da tarefa de vigilância "em reconhecimento às nossas cãs" sugere que os Fiéis são homens experientes, cuja maturidade e sabedoria os tornam dignos de confiança. Essa escolha reflete a valorização persa pela experiência e pelo conhecimento acumulado ao longo dos anos.

Por fim, o trecho "*À espera de que torne o rei dos reis à frente do tropel pluridourado*" exprime a expectativa pelo retorno triunfante de Xerxes, denominado "rei dos reis", título que reafirma sua supremacia e centralidade no sistema político persa. A menção ao "tropel pluridourado" aponta para o exército imperial, cuja grandiosidade e riqueza refletem tanto o poder bélico quanto a opulência material do império. Essa espera carrega o anseio de um momento glorioso, em que o soberano retome o controle e restaure a estabilidade da nação, mesmo em meio às incertezas da campanha militar.

Desde a introdução do Coro, fica evidente a confiança dos Fiéis na força e na grandiosidade do Império. As referências recorrentes à riqueza do palácio e à potência do exército persa traduzem um orgulho que, ao longo das ações, se revela também como uma fonte de tragédia. Ainda na fala do Coro, surge a inquietação do povo persa, que não tem notícias dos soldados enviados para a invasão da Grécia. Essa ansiedade cresce até a entrada de Atossa, mãe de Xerxes e viúva do rei Dario, cujas preocupações aprofundam o presságio de um desfecho desastroso.

Ao entrar em cena, Atossa expressa receios sobre os sonhos perturbadores que teve, vislumbrando presságios sombrios para o destino de seu filho e da Pérsia.

Rainha

Por isso abandonei o paço aurilavrado
e o quarto em que dormia ao lado de
Dario.

O pensamento aflige o coração. O medo
impede-me calar: que um trança-pé,
amigos,
do excesso de riqueza não transmude
em pó
o brilho que, sem deus, Dario
conquistou!

(*Os persas*, p.33)

Suas falas destacam sua preocupação com a ousadia de Xerxes, questionando os riscos a que ele se expõe. Atossa também enfatiza que um rei não deve satisfações ao povo: se vencer, será exaltado; caso contrário, nada deverá. No entanto, os temores de Atossa se confirmam, e o desenlace trágico do império persa se concretiza, marcando o ponto culminante do drama.

Os espectadores que assistiram à peça, assim como os leitores que a leem atualmente, já possuem conhecimento prévio sobre o desastre enfrentado pelos persas, o qual é

confirmado pelo relato do mensageiro que chega do campo de batalha.

Mensageiro

Conclamo o rol das cidadelas asiáticas!
 Conclamo a Pérsia, o vasto porto dos tesouros!
 Um golpe foi bastante para aniquilar fortuna infinda. Sega a floração dos persas!
 É horrível ser o anunciador do horror, mas urge
 eu desdobrar o sofrimento inteiramente,
 pois toda tropa bárbara soçobra agora!

(*Os persas*, p.38)

Esse relato detalha os acontecimentos ocorridos no confronto entre persas e gregos. Na verdade, o desenrolar da narrativa leva o espectador a construir, pouco a pouco, uma suspeita cada vez mais nítida sobre o desfecho, impulsionada pelas inquietações expressas pelo coro e pelas visões de Atossa. O relato do mensageiro, nesse contexto, atua como uma confirmação das expectativas já formadas, configurando um tipo de crescendo dramático característico do estilo de Ésquilo.

No decorrer da leitura, um fato chama atenção e que pode ser importante para o desenrolar dos acontecimentos: percebemos que o exército grego, embora menor, não possui

um comandante, ao contrário do exército persa que tem como referência Xerxes, o rei.

Mensageiro

Fora questão numérica, tenhas certeza
de que os teríamos vencido, pois a
esquadra

helênica abarcava só trezentos barcos,
além de uma dezena à retaguarda.
Xerxes,

direi precisamente, encabeçava mil,
e isso sem contar as naves mais velozes,
duzentas, mais ou menos. Tal a
proporção.

Crês por acaso que lutávamos à zaga?
Um demo quis nos demolir. A seu
talante,

destinos desiguais penderam na
balança.

A paragem de Palas, poupa sempre um
nume!

(*Os persas*, p.38)

Essa questão é relevante, uma vez que para vencer, os gregos usaram o coletivo; já os persas, o individual. O exército bárbaro foi subdividido por muitas delegações. Cada grupo de soldados possuía um mentor, o problema para os persas foi justamente a questão dessa subdivisão, pois não houve uma

Re(senhas)



Petrolina • v. 2 • n. 3 • 2025

unificação, cada parte agia de maneira desigual; diferente dos gregos que mantiveram uma forte coesão em suas ações.

Outra questão que contribuiu para a calamidade do exército bárbaro foi, além da atuação individual, a grande riqueza, pois os navios em grande número e de difícil manobra acabaram por atrapalhar a luta pela vitória.

Dessa maneira, os relatos do infortúnio são revelados gradualmente, culminando com a chegada do rei Xerxes. A fala de Atossa sugere que seu filho, Xerxes, não possuía uma notoriedade própria, sendo sua figura condicionada ao papel que o soberano persa deveria desempenhar. Na verdade, como governante, Xerxes precisava ajustar sua política às tradições e expectativas do império, que valorizava a expansão territorial como expressão de poder. Desviar-se dessa política ancestral seria interpretado como sinal de fraqueza ou incapacidade, reforçando o peso das demandas impostas pelo sistema imperialista persa sobre sua liderança. Por esse motivo, ele decide atacar os gregos, mostrando-se, assim, capaz e astuto. É precisamente essa postura que leva o rei persa a cometer seu grande erro, identificado por Aristóteles (2002) como *hybris*. Embora as reflexões de Aristóteles sejam fundamentais, a ideia de *hybris* já fazia parte do código ético dos gregos muito antes dele. Como atesta Heródoto, os gregos reconheciam a noção de poder e conquista como legítima; contudo, consideravam reprovável ultrapassar os limites estabelecidos pela ordem natural. Abusos como "pôr o jugo ao pescoço do mar" eram vistos como manifestações dessa *hybris*, um desrespeito

intolerável às fronteiras que regiam o equilíbrio entre os homens e os deuses.

A *hybris* surge, portanto, como resultado de um estado de insatisfação da personagem, que, impulsionada por um instinto, um impulso incontrolável ou algo que escapa à sua razão, realiza uma ação que será compreendida como um "erro". Esse erro não apenas desestabiliza seu próprio universo físico e psicológico, mas também afeta profundamente o equilíbrio das personagens ao seu redor. Segundo Vernant,

o drama antigo explora os mecanismos pelos quais um indivíduo, por melhor que seja, é conduzido à perdição, não pelo domínio da coação, nem pelo efeito de sua perversidade ou de seus vícios, mas em razão de uma falta, de um erro, que qualquer um pode cometer. Desse modo, ele desnuda o jogo de forças contraditórias a que o homem está submetido, pois toda sociedade, toda cultura, da mesma forma que a grega, implica tensões e conflitos. (VERNANT, 1991, p. 96).

Dessa forma, a *hybris* de Xerxes em *Os Persas* ilustra a análise de Vernant, segundo a qual o drama antigo mostra que a queda de um indivíduo não resulta de maldade ou vícios, mas

de um erro que qualquer um poderia cometer. Impulsionado por ambição e desejo de glória, Xerxes ultrapassa os limites humanos e divinos ao liderar a invasão à Grécia. Esse excesso não apenas compromete seu próprio destino, mas provoca sofrimento e desestabilização em todo o império persa, afetando soldados, familiares e a ordem social. Assim, a tragédia evidencia o jogo de forças contraditórias descrito por Vernant, revelando como tensões individuais, sociais e culturais interagem, e mostrando que o erro de um governante pode ter consequências coletivas profundas, tornando a *hybris* um elemento central da reflexão ética e política da peça.

Complementando essa perspectiva, Lesky (2021, p.27) observa que o verdadeiro trágico se manifesta na capacidade da peça de envolver o público emocionalmente e de criar conexão com a experiência humana. O impacto da tragédia depende de acontecimentos intensos e dinâmicos, que despertam interesse e comoção, permitindo que os espectadores percebam e sintam a gravidade das ações representadas. Assim, o trágico em *Os Persas* não é apenas histórico ou narrativo, mas ético e afetivo, construído a partir da interação entre os eventos encenados e a sensibilidade do público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Impulsionado pelo desejo de se destacar e consolidar-se como uma figura de referência no seio de seu império, Xerxes comete a *hybris*, ultrapassando os limites impostos pela ordem

divina e humana. Essa transgressão não apenas desestabiliza sua nação, mas também desencadeia consequências irreparáveis que configuram a essência do trágico. O desfecho de suas ações é inevitável e irrevogável: rei, pátria e gerações futuras são condenados ao sofrimento.

A tragédia não reside apenas no erro de Xerxes, mas no impacto coletivo de sua ambição desmedida. Como soberano, seu fracasso simboliza a ruína de todo um sistema político e cultural, reforçando a ideia de que a *hybris* não é apenas um equívoco pessoal, mas um ato que abala as fundações de uma sociedade inteira. O trágico, nesse sentido, emerge da consciência de que o sofrimento é inexorável, um destino que o indivíduo e o coletivo não podem evitar, marcado pela vulnerabilidade frente às forças superiores da ordem cósmica e ética.

REFERÊNCIAS E OBRAS CONSULTADAS

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRANDÃO, Júnio de Souza. *Teatro grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Vozes, 1984

ÉSQUILO. *Os persas*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

KITTO, H. D. F. *Tragédia grega: estudo literário*. Vol. II. Coimbra: Arménio Amado, 1990. Trad. do inglês por Dr. José Manuel Coutinho de Castro.

KURY, Mário da Gama. Introdução a *Os Persas*. In: Ésquilo. *Os Persas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MOISÉS, Maussad. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

ROMILLY, Jacqueline de. *A tragédia grega*. Lisboa: Edições 70, 2008.

SCHÜLER, Donald. *Literatura grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga II*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e religião na Grécia Antiga*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1992.

Submetido em Agosto de 2025

Aprovado em Setembro de 2025

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Eduardo Pereira Machado

Professor nos cursos de Letras da Universidade La Salle (Unilasalle) e na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Também é professor do ensino fundamental e médio do Colégio Leonardo da Vinci – unidades Beta e Gama.

E-mail: Eduardo.machado.letras@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3485-1949>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6189678115020077>